



Experiências pedagógicas: o relato de caso: racismo e religiosidade na escola

Pedagogical experiences: the case report: racism and religiosity in school

Theyles Moratti Precilio Borcarte Strelhow

Doutorando em Teologia pela Faculdades EST com financiamento do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). São Leopoldo/RS, Brasil. Contato: thyelesbs@yahoo.com.br

Resumo:

A questão do racismo está presente em muitas situações cotidianas, mas pouco reconhecidas sob as ações concretas. A piada, comumente utilizada para mascarar o racismo, também está presente na sala de aula nas abordagens entre alunos/as e pode ser encarada, em determinados casos, como apenas um exercício de humor, porém carrega em seu conteúdo ofensas e raízes profundas de degradação, exploração e sujeição das pessoas afrodescendentes. Neste sentido, o relato de caso procura apresentar como o estudo das raízes africanas locais pode proporcionar uma aproximação entre o conhecimento e a superação de ações baseadas no racismo. A religiosidade pode ser um ponto de partida que vislumbra valorizar e reconhecer o conhecimento presente em sala de aula e desmistificar demonizações utilizadas para desqualificar o/a outro/a.

Palavras-chave: Racismo. Direitos humanos. Alteridade.

Abstract:

The issue of racism is present in many everyday situations, but little recognized under concrete actions. The joke, commonly used to mask racism, is also present in the classroom in the approaches between students and may be seen, in certain cases, as just an exercise in humor, but carries in its content offenses and deep roots of degradation, exploitation and subjection of people of African descent. In this sense, the case report seeks to show how the study of local African roots can provide an approximation between knowledge and overcoming actions based on racism. Religiousness can be a starting point that envisages valuing and recognizing the present knowledge in the classroom and demystifying demonizations used to disqualify the other.

Keywords: Racism. Human rights. Alterity.

Introdução

Para iniciar os destaques que serão elaborados a seguir neste estudo, apresentam-se algumas questões que exemplificam o racismo presente nas relações cotidianas no contexto brasileiro, sempre disfarçadas de “brincadeiras”. Parece que estão tão normalizadas as imagens caricaturadas de pessoas afrodescendentes, quase como parte do modo de ser brasileiro, que é natural que programas de TV¹ ou shows de humor,² configurem-nos/nas como inferiores e

¹ ORGANIZAÇÕES DO MOVIMENTO NEGRO E DE MULHERES. *Carta aberta contra o programa Zorra Total “Racismo não tem graça nenhuma!”*. 11/09/2012. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br/noticias/noticias-do->

destinados/as às mais diversas mazelas da sociedade. Outro fato são as vozes que se levantam em defesa de praticantes de racismo, ao ponto, que se torna uma ofensa a quem comete racismo falar que tal ato é racista.³ Numa profunda inversão de papéis, a vítima se torna a própria culpada de sua situação de vitimização.

Esta forma de racismo camuflada de brincadeira está presente em todos os âmbitos da sociedade brasileira e na escola não seria diferente. Em muitos casos o/a professor/a é desafiado a mediar um conflito que tenha como pano de fundo o racismo. Na maioria das vezes, estes nem chegam ao conhecimento do/a professor/a por meio de uma denúncia, mas muito mais por um olhar cuidadoso para a questão. Não é de causar espanto que esta situação esteja presente na sala de aula, mas ela não pode passar pela sala de aula sem um trabalho de ressignificação e de conscientização do crime cometido, porque antes de qualquer coisa, racismo é crime.

Foi nesta perspectiva que se relata o desenvolvimento de um trabalho numa turma de quarto ano de uma escola municipal de São Leopoldo. O projeto pautava o tema do racismo na escola e tinha como principal objetivo aproximar os/as estudantes da cultura e religiosidade afrodescendente, num processo de alteridade, com a finalidade de proporcionar o reconhecimento e a ressignificação da história e dos processos sociais de exclusão racial.

Dado estes apontamentos, o presente artigo pretende apresentar, de forma resumida, o projeto desenvolvido, apontando que é necessário um exercício constante de desconstrução da ideia de inferioridade vinculada à cultura afrodescendente, tendo como apoio a valorização e o reconhecimento da diversidade presente em sala de aula. Esta cultura de inferioridade é redundante na sociedade brasileira, como mostrou a exposição de brinquedos que refere uma boneca negra como “neguinha do espanador”, com uma relação determinista a uma destinação ao trabalho braçal e com valor de “*status social*” inferior.⁴

Para tanto, inicia-se com estas palavras iniciais, no segundo ponto será apresentado um breve panorama geral da situação afrodescendente no Brasil, posteriormente, algumas pontuações sobre a motivação do projeto e conceitos que o embasaram, bem como, serão apresentadas as atividades desenvolvidas e os resultados alcançados, finalizando, com as considerações finais pertinentes.

inesc/2012/setembro/carta-aberta-contr-o-programa-zorra-total-201cracismo-nao-tem-graca-nenhuma-201d>. Acesso em: 15 jan. 2017.

² LUCCA, Guss de. *Mesmo com denúncia de piada racista, "Proibidão do Stand Up" vai continuar*. 15/03/2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/mesmo-com-denuncia-de-piada-racista-proibidao-do-stand-up-vai-co/n1597695407469.html>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

³RIBEIRO, Djalma. *Seja racista e ganhe fama e empatia*. 19/09/2014. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/escriptorio-feminista/seja-racista-e-ganhe-fama-e-empatia-5564.html>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

⁴ TORRES, Ana Carolina. *Boneca chamada 'Neguinha do Espanador' é exposta e causa polêmica em redes sociais*. 27/01/2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/boneca-chamada-neguinha-do-espanador-exposta-causa-polemica-em-redes-sociais-15159720.html#ixzz3Q0qGSpr>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

Breve panorama geral sobre a situação atual dos/as afrodescendente no Brasil

Este ponto revela um sistemático desencadeamento de fatos que situam a problemática aventada por este estudo. Para tanto, serão apresentadas algumas questões que são consideradas fundamentais para a compreensão e satisfação do objetivo posto. O primeiro ponto que se gostaria de destacar é uma percepção de que as elites estão cada vez mais injuriadas com a ocupação de espaços, que antes lhes eram destinadas, pela classe pobre. Isto pode ser constatado em reações que tiveram evidência nos compartilhamentos midiáticos.

Com frequência são encontrados discursos públicos que evidenciam um ódio social contra as pessoas afrodescendentes. Como se esquecer do caso da professora universitária, que questionando o figurino de um homem que frequentava um aeroporto pergunta em seu perfil particular do *facebook*: “Aeroporto ou rodoviária?”⁵ Ou então, após uma disputa eleitoral para última eleição à presidência, a enxurrada de comentários discriminatórios contra “nordestinos/as” que evidenciaram a tensão manifesta na sociedade brasileira.⁶ Fora isso não se pode esquecer a grande representante destes discursos de ódio que ocuparam a mídia por um bom tempo, Rachel Sheherazade, enaltecendo “justiceiros/as” que linchavam acusados de banditismo pelo Brasil e ainda defendia que quem estivesse a defender os direitos humanos que adotasse um bandido.⁷

Neste último caso, as pessoas envolvidas aos comentários da jornalista eram jovens negros, que acusados de atentados contra a propriedade privada, eram amarrados em postes e torturados. Estes atos ocorreram em diversos lugares pelo Brasil. Não há como negar que o que está em jogo nestes discursos é uma herança cultural de racismo, que corre pelas veias tupiniquins. Ao passo que as classes sociais excluídas dos bens sociais começam a ocupar os espaços, os sentimentos coletivos de repulsa contra as classes e a raça afloram e culminam em reações violentas.⁸ E como não falar do golpe político-midiático de 2016 com fortes implicações na perda de direitos.⁹

Talvez o que mais seja preocupante é que acompanhando estes episódios de racismo está à propagação dos discursos de ódio está cada vez mais evidente na rede mundial de computadores. Uma pesquisa feita pelo Labic (Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura) da UFES

⁵ YAHOO. *Professora vira alvo de polêmica após foto no Facebook*. 10/02/2014. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/professora-vira-alvo-de-pol%C3%A4mica-ap%C3%B3s-foto-no-facebook-173303113.html>>. Acesso em 15 jan. 2017.

⁶ PORTAL FÓRUM. *Resultado das eleições desperta preconceito contra nordestinos*. 06/10/2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/10/resultado-das-eleicoes-desperta-preconceito-contra-nordestinos/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

⁷ CORREIO. *Jornalista causa polêmica com comentário sobre justiceiros: "Adote um bandido"*. 06/02/2014. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/jornalista-causa-polemica-com-comentario-sobre-justiceiros-adote-um-bandido/?cHash=5dd9f4c6fec1d8ed81088d8c794a69e4>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

⁸ CORREIO24HORAS. *Professor causa polêmica ao dizer que prefere ser atendido por médicos brancos a negros*. 05/11/2015. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/professor-causa-polemica-ao-dizer-que-prefere-ser-atendido-por-medicos-brancos-a-negros/?cHash=c06bb430dd8c3e686e7111ab6c9d7cab>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

⁹ OLIVEIRA, Denis. *O golpe contra a Dilma é racista*. 03/12/2015. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/quilombo/2015/12/03/o-golpe-contra-dilma-e-racista/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

(Universidade Federal do Espírito Santo) constatou que há uma tendência por compartilhamentos referentes a comentários e páginas vinculadas à polícia. De acordo com o Labic

Os posts das páginas, em geral, demonstram o processo de construção da identidade policial embasada no conceito de segurança em que a paz se alcança não mediante a justiça, mas mediante à ordem, à louvação de armamentos e à morte do outro. Nos comentários, nenhuma mediação possível para qualquer pensamento civilizacional.¹⁰

Estes dados são relevantes à medida que vão sendo construídas ideias de paz e justiça baseadas na eliminação do/a outro/a, daquele/a que afronta, daquele/a que é diferente, e, principalmente, daquele/a que não deveria estar no mesmo lugar e patamar em que se encontram as elites.¹¹

O mais chocante nos casos destacados acima é a naturalidade que tais ações de violência são escancaradas nas reações populares. Isto fica perceptível quando se observa as imagens dos jovens amarrados “em praça pública” e as pessoas passando e assistindo ao “show de justiça” como se tudo aquilo fosse “normal” ou ainda que “fizeram por merecer”. A sensação que fica é que há uma sede por encontrar representantes para se descarregar toda sede de vingança, destinando aos culpados a sina de “Judas” no sábado de aleluia. Como um analgésico que alivia a dor da consciência de uma sociedade acostumada a destinar os/as pobres às periferias, os/as negros/as às senzalas, os/as deficientes aos manicômios, os/as excluídos/as às margens.

O “Judas Brasileiro” tem cor e tem classe e ele é sumariamente culpabilizado e executado sem direito, sem voz, sem poder se defender. É a carne mais barata no mercado, parafraseando Elza Soares.¹² Esta carne é que é consumida pelos ódios coletivos e que é destinada ao açoite e ao serviço. Esta carne que não pode em hipótese alguma ter o consentimento de ocupar os espaços destinados aos senhores da casa grande. Em relação a isto parte-se para o segundo ponto, no qual fica mais evidente qual é a carne mais barata na sociedade brasileira.

Ao analisar o estudo do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) sobre a situação afrodescendente no Brasil, pode se encontrar que em três assassinatos que acontecem no Brasil, dois são de pessoas negras.¹³ A resolução dos crimes relacionados com pessoas negras sempre tem uma

¹⁰ LABIC. *Rede de interações de páginas policiais no Facebook: a violência como hit*. 05/03/2014. Disponível em: <<http://www.labic.net/grafico/rede-de-interacoes-de-paginas-policiais-no-facebook/>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

¹¹ PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel Rosas; ALMEIDA, Saulo Teles. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16801.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2017. O artigo trata de um experimento realizado com dois grupos nos quais são confrontados com um caso no qual uma gerente precisa escolher entre duas candidatas a uma vaga de emprego, uma branca e uma negra. A gerente escolhe a candidata branca. Ao grupo em que não foram dadas explicações sobre os motivos da escolha houve uma repreensão à atitude da gerente. Já ao grupo em que se foi justificada a escolha da gerente, esta foi entendida como profissional e coerente. Fica evidente que o racismo constituído como normalização cultural define os espaços sociais que as pessoas as afrodescendentes estão autorizadas a ocupar.

¹² Música A carne interpretada por Elza Soares.

¹³ WASELFSZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2014 – os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO, 2014, p. 130. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2017.

justificativa simples: vítima do tráfico de drogas. Tudo que é ruim é relacionada às afrodescendentes. É unanimidade entre a força policial que um homem negro sempre será o principal suspeito frente um homem branco. O homem negro será abordado em 21% quando dirigindo um carro de luxo, enquanto o branco em 2,6%. É interessante o que Marx reflete sobre a questão que

A segurança é o conceito social supremo da sociedade burguesa, o conceito da polícia, no sentido de que o conjunto da sociedade só existe para garantir a cada um de seus membros a conservação de sua pessoa, de seus direitos e de sua propriedade.¹⁴

Parece que desta forma, prospectando uma imagem eurocêntrica ao qual o imaginário do ocidente foi pautado, a polícia age dentro deste princípio e reafirma o que de fato se tem como norma: a carne negra é a carne mais barata no mercado. E mais, no Brasil, a morte de jovens negros é maior que em países em guerra.¹⁵ A expectativa de vida de uma pessoa negra é 1,73 ano menor do que uma pessoa branca. Um/a afrodescendente tem 8 vezes mais chance de morrer do que uma pessoa branca. Em caso de agressão, 61,8% não procuram a polícia, pois 60,70% têm medo de represálias e 60,30% não acreditam que a força policial pode ajudar. Já as pessoas brancas nestes dados caem respectivamente para 38,2% que não procuram a polícia, 39,70% por medo de represália e 39,30% por não acreditar numa resolução.¹⁶

Com este breve olhar para alguns dados que denotam a realidade brasileira da população afrodescendente, pode-se perceber que a problemática apresentada deveras necessita de intervenções nos mais diversos níveis sociais. Frente esta situação não se pode calar a sala de aula, nem muito menos, “varrer para debaixo do tapete” para esconder as próprias mazelas. A escola não está fora do mundo e por isso ela também se constitui como reprodutora deste sistema de produção de vítimas, no entanto, ela também pode ser um espaço para a mudança e contribuir para que, no tempo e na história, outras práticas possam ser desenvolvidas baseadas no reconhecimento da diversidade e na alteridade.

¹⁴ MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 50. Parece que desta forma, prospectando uma imagem eurocêntrica ao qual o imaginário do ocidente foi pautado, a polícia age dentro deste princípio e reafirma o que de fato se tem como norma: a carne negra é a carne mais barata no mercado.

¹⁵ OLIVEIRA JÚNIOR, Almir de; LIMA, Verônica Couto de Araújo. Segurança pública e racismo institucional. *IPEA: Boletim de Análise Político-Institucional*, Brasília, n. 4, p. 21-27, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_analise_politico/1301017_boletim_analisepolitico_04.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.

¹⁶ Dados retirados da apresentação do diretor do Ipea sobre violência e racismo: CERQUEIRA, Daniel. *Boletim de Análise Político-Institucional: participação, democracia e racismo?* 17/10/2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_analise_politico/131017_bapi4_daniel_racismo.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017. Outro estudo que também deve ser mencionado pelo seu caráter revelador dos dados que corroboram com estudo apresentado acima desta realidade afrodescendente, mas com um olhar voltado para a pesquisa da juventude é SDH (Secretaria de Direitos Humanos). *Guia Municipal de Prevenção da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens*. Rio de Janeiro: Observatório das favelas, 2012. Disponível em: <http://www.mdgfund.org/sites/default/files/GuiaPRVL_RevisaoFINAL_04MAI.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2017.

A sala de aula como espaço de pesquisa

No mundo pós-moderno em que se vive os avanços da ciência e o desenvolvimento da tecnologia tem pregado a substituição das crenças religiosas e da função da transcendência na vida das pessoas pela fé tecnológica. Se antes da chamada secularização acreditava-se que a vida podia ser dividida numa dualidade Deus-mundo, parece que se enxerga na atualidade outro movimento que coloca a transcendência, juntamente com suas crenças culturais-religiosas em segundo, terceiro ou até quarto plano.¹⁷

A sociedade pós-moderna vive um tempo de respostas rápidas e acessíveis à sua mão, sem o compromisso com qualquer responsabilidade. O consumo funciona assim. A propaganda e *marketing* expostos na mídia dizem que se deve aproveitar o máximo a felicidade e tudo deve estar ao dispor da vontade individual.

Neste ponto de vista se torna fundamental que a sala de aula seja um espaço de discussão das questões relacionadas à transcendência e à religiosidade,¹⁸ pois, por mais que as pessoas ditas pós-modernas omitam estas questões como as principais em suas vidas, as crenças fazem parte do imaginário das pessoas, principalmente, das crianças. Foi neste sentido que se pretendeu trabalhar proporcionando a aproximação com o desconhecido, para que, se pudesse reconhecer e se colocar na perspectiva do/a outro/a, num exercício de alteridade.

É importante fazer neste momento uma breve contextualização da turma e os processos desenvolvidos que culminaram na proposição do projeto. Antes de tudo também é necessário evidenciar que um dos conteúdos a serem desenvolvidos na turma era a formação da população do município de São Leopoldo. Vale lembrar que a cidade é considerada o “Berço da Imigração Alemã”. Neste sentido, sempre o grande legado e as histórias contadas são relacionadas à imigração, em detrimento da história dos povos indígenas e dos povos africanos que contribuíram imensamente para a construção da cidade.

Tentando estabelecer um contato entre as etnias, demonstrando que a relação da economia, cultura e política da cidade estava interligada ao desenvolvimento das populações que habitaram e colonizaram a região, tentado ampliar o debate para além a imigração alemã, buscou-se estabelecer pontos de contatos históricos que mostravam as conexões e relações estabelecidas ao longo do tempo. Também se tentou evidenciar que este desenvolvimento não aconteceu por coincidência e que as relações de poder envolvidas neste processo, de alguma forma, influenciaram os modos de vida, as visões culturais sobre o/a outro/a e os espaços que os sujeitos foram ocupando.

¹⁷ MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman. Goiânia, *XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*, p. 01-06, 2009, p. 03-04. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_MELCHIOR_pos_moderna_bauman.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

¹⁸ KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SILVA, Marcos Rodrigues da. Identidade e alteridade: diálogos para o Ensino Religioso. São Leopoldo, *Identidade*, v. 16, n. 02, p. 249-258, 2011, p. 254-255. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/239/255>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

Além disso, se notava que a turma era fortemente influenciada por padrões midiáticos de estética pautada pela normatividade do ser branco (loiro, olhos claros, cabelos lisos, pele clara). Isso ficava evidente quando se observava os comentários de meninas que queriam que seus cabelos fossem lisos ou que gostavam de tal personalidade por causa da aparência da pele e dos olhos.

Outra questão que se percebia era que as crianças negras tinham dificuldades para se integrarem com a turma e ficavam sempre mais próximas entre elas, isto ocorria principalmente entre as meninas. Ainda, comentários quase inaudíveis entre as crianças e piadas ditas nos grupos relacionadas a temas como macaco, banana ou preto, estavam presentes, mas não eram escancaradas com o educador. Com este pano de fundo posto, pôs-se a elaborar estratégias que pudessem trazer este debate para a discussão aberta e franca com a turma.

Em um dia, numa conversa informal, comentando sobre as tarefas que o educador exercia e formação, conversava-se sobre a influência da religiosidade na vida das pessoas e uma aluna fez a seguinte pergunta: “Macumba é coisa do demônio?”. Esta se tornou a pergunta inicial para iniciar o projeto. Com este questionamento havia a perspectiva pela qual se poderia abordar a temática para trazer para o centro a discussão sobre as questões que vinham sendo observadas e fundamentais que fossem discutidas.

Para adentrar ao tema algumas introduções foram necessárias. Entender o conceito de religião nem sempre corresponde uma tarefa fácil. Como é perceptível no caso do juiz que considerou que Candomblé e Umbanda não era religião, refutando o pedido do Ministério Público Federal (MPF), assim, o juiz federal Eugenio Rosa de Araújo afirmou que “as manifestações religiosas afro-brasileiras não se constituem em religiões”, pois, “não contêm os traços necessários de uma religião” que seria um texto sagrado e “um Deus a ser venerado”.¹⁹ O pedido do MPF era que obrigasse o Google a retirar do ar 15 vídeos ofensivos contra a Umbanda e Candomblé disponíveis no *YouTube* que relacionava as religiões africanas com o demônio, o mal, drogas e a presença de doenças como a AIDS.

A verdade é que o universo que compreende a religião possui um caráter altamente relacionado às experiências e também em sua dimensão antropológica do próprio ser.²⁰ É possível que as definições mais usuais tendam sempre a partir da palavra latina *religio* como um conjunto de regras, no entanto, este ainda não sintetiza o que de fato é a religião. O ponto central é que, ao longo da história,²¹ muitas foram às tentativas de definir o que seria religião, porém, talvez, seja possível

¹⁹ GRELLET, Fábio. *Juiz diz que umbanda e candomblé não são religiões*. 16/05/2014. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,juiz-diz-que-umbanda-e-candomble-nao-sao-religoes,1167765>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

²⁰ DIX, Steffen. O que significa o estudo das religiões: uma ciência monolítica ou interdisciplinar. *Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, p. 01-28, 2007, p. 11-13. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2007/wp2007_1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

²¹ GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 16-17.

aproximar de uma definição de uma forma mais geral como “um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos dentro de universos históricos e culturais específicos”.²²

Frente a este desafio foi-se pedido que os/as educandos/as conversassem em casa com seus/suas familiares sobre o que significaria religião. Posteriormente, num compartilhar de ideias, os/as educandos/as puderam dividir com a turma sobre o que haviam pesquisado em casa. As respostas foram as mais diversas passando desde uma forma ou filosofia de vida até a salvação. Nesta conversa tentou-se estimular que os/as estudantes pudessem expressar o que sentiam em relação ao desconhecido e como o transcendental e o sagrado era entendido por eles/as. Em sua maioria, a religião consistia como uma experiência pautada pela família (influência familiar), na qual haviam que agradar a Deus, relacionando a figura da divindade com o castigo, ou com alguém bondoso que fazia tudo por eles/as (amigo).

Esta forma de compreender as significações da própria realidade religiosa tem como perspectiva o estabelecimento do que Santos chama de pensamento abissal. Para ele, esta concepção da organização social traça linhas entre o Velho e o Novo mundo, que anteriormente eram muito mais visíveis e demarcadas, mas que na modernidade ficou sinuosa, a ponto do lado de cá da linha (regulação/emancipação) se misturar com o lado de lá (apropriação/violência). Se no lado de cá da linha o pensamento é científico e validado pelos referenciais que se constituiriam como a verdade, do lado de lá da linha tudo é credence, magia e inferioridade.

Traçar um reconhecimento por onde passa a linha abissal constitui em se reconhecer em seu papel, a sua identidade e suas convicções, bem como, conhecer as validades do sagrado do que está posto do lado de lá da linha, para que assim seja possível vislumbrar a superação da linha abissal, num movimento pós-abissal, podendo prospectar uma ecologia dos saberes, na qual as realidades são reconhecidas como válidas de verdade e partes de tal, contribuindo entre si para um constante vir-a-ser.²³

Portanto, nesta tentativa de romper com esta linha abissal, almejando um movimento pós-abissal, as estratégias que se seguiram foram na direção de um conhecimento do/a outro/a. Neste sentido, prezando também por um desenvolvimento acadêmico, pesquisas em textos que apresentavam a questão histórica do desenvolvimento da religiosidade afrodescendente, bem como, suas concepções de entender o mundo, sua relação com a natureza e a coletividade humana foram temas abordados. Junto a isso, buscou-se discutir com a turma sobre as linhas abissais que elas conheciam ou imaginavam, trazendo à vista as relações sociais, econômicas e políticas que estavam presentes na cotidianidade das crianças. A partir disso, conseguiu-se alcançar o debate sobre o racismo e a compreensão de que a relação que se estabelecia entre elas inferiorizava àquelas que

²² SILVA, Eliane Moura da. *Religião, Diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. Revista de Estudos da Religião*, n. 02, p. 01-14, 2004, p. 04. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

²³ SANTOS, Boaventura de Souza. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. Novos Estudos*, n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

tinham formas diferentes das estabelecidas pelo padrão do mercado midiático, deixando visível que a turma era constituída de pessoas com características diversas.

Neste sentido o conceito de alteridade esteve inserido como pano de fundo para embasar as práticas tanto propostas no dia a dia da sala de aula, como também, na perspectiva do cotidiano fora da sala de aula. Pensando nisso, entendeu-se a alteridade como um esvaziar-se do ser-em-si em direção do se-por-outro.²⁴ Neste processo de encontro e reconhecimento, não se pretende definir o que o/a outro/a é ou deveria ser, num exercício próprio consciente do ser, mas este se mostra como é a partir de seu rosto.²⁵

É neste movimento de conhecimento que o eu se torna responsável pelo/a outro/a, pois a alteridade que se estabelece não tem como ser distante, mas, pelo contrário, ela aproxima, traz para perto do eu o/a outro/a que antes estava longe. Assim, também, a responsabilidade com o/a outro/a não é apenas um movimento com o próximo prático, perto de si, mas uma alteridade com a situação proximal de toda situação de morte. Quer dizer, uma responsabilidade que excede o/a outro/a como indivíduo, e que se responsabiliza pelo/a outro/a que é todo/a e qualquer, excedendo o tempo e o espaço. É uma responsabilidade que também corresponde à história, aos fatos que aconteceram, e à memória.²⁶

A partir destas conversas e o estabelecimento do que de fato se evidenciava nas relações da turma e comprometendo-se em propor mudanças que respeitassem os/as colegas,²⁷ partiu-se para uma pesquisa sobre como as crianças da escola entendiam o tema do racismo. No momento do recreio, cada qual entrevistou 5 crianças, com perguntas com respostas simples (sim e não).²⁸

Após o recolhimento dos dados, passou-se ao tratamento de tais que apresentaram que 69 crianças achavam que existia racismo na escola e 36 achavam que não; 18 crianças se caracterizaram como racistas e 87 não se caracterizaram como racistas; 65 crianças conheciam alguém racista e 40 não conheciam alguém racista; 49 crianças já praticaram um ato racista e 56 não praticaram um ato racista. 95 crianças sabiam o que era racismo e 10 não sabiam o que era racismo.

A partir da discussão sobre o material recolhido, as crianças puderam ir percebendo, também a partir das provocações do educador, que ações praticadas no recreio se caracterizavam como racistas e que muitas brincadeiras acabavam inferiorizando os/as colegas. Concluiu-se então

²⁴ LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós*: ensaios sobre a alteridade. Coord. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 269.

²⁵ LÉVINAS, 1997, p. 203.

²⁶ LÉVINAS, 1997, p. 197-201.

²⁷ Cabe um destaque a uma dinâmica realizada na turma que utilizou uma tabela com três colunas. A primeira coluna era destinada ao nome de um/a colega. Na segunda coluna, respectiva à primeira coluna, era para ser preenchida com uma caracterização positiva que ela própria se identificava. Na terceira coluna, a criança que estava com a tabela, identificava uma característica positiva sobre a criança em questão na primeira coluna. Este processo foi importante para uma reflexão sobre o que é bom no ser em si, para que assim pudesse mostrar-se aos/às seus/suas colegas, e também identificar o que os/as colegas identificavam como positivo do eu.

²⁸ As perguntas elaboradas junto com a turma para a pesquisa foram: 1 – Você acha que tem racismo na escola?; 2 – Você é racista?; 3 – Você conhece alguém que é racista?; 4 – Você já praticou um ato racista? 5 – Você sabe o que é racismo?

que pequenos atos que muitas crianças desconsideravam sob o disfarce da “brincadeira”, na verdade, era uma forma de racismo e que para mudar esta situação as relações entre os/as colegas deveriam evitar piadas, nomenclaturas ou qualquer ato que desrespeitasse o/a outro/a. A partir disso, elaborou-se com a turma um painel em que foram evidenciados os dados da pesquisa realizada pela turma, juntamente com a interpretação, as conclusões que foram construídas pelos/as educandos/as e exposto no mural da escola.

Considerações finais

Com as reflexões apresentadas acima, cabem algumas pontuações sobre os assuntos discutidos. A princípio acredita-se que a linha abissal que separa as religiões de matriz africana à inferioridade e à demonização também é fruto de um racismo presente na sociedade brasileira, que não é assumido como tal. Assim, a forma de se relacionar com as pessoas afrodescendentes é estabelecida com um *modus operandi* que normaliza a invisibilidade. Desta forma, tudo que possa estar relacionado com o/a negro/a é qualificado como ruim, como mal, como de segunda categoria etc., e, sendo assim, é passível de toda forma de chacota, piada ou “brincadeira”. Frente a isso, a reação esperada, e, em muitas vezes, assumida, é a da aceitação do “seu lugar”.

Foi importante observar que na pesquisa realizada pela turma, ficou evidente que as crianças da escola reconheciam que exista racismo, mas, em sua ampla maioria, não conseguiam identificar ações concretas que consistiriam em racismo. Esta afirmativa é possível a partir do entendimento de que 69 crianças achavam que existia racismo na escola. Este dado nos dá a impressão de que como o racismo é tratado no contexto brasileiro como uma brincadeira ou uma piada, faz com que se confunda com práticas cotidianas que se caracterizam por serem culturalmente aceitas e constituídas a priori.

Neste sentido, o dado de que 87 crianças que não se caracterizaram como racistas, reforça a afirmação anterior, com um elemento novo, a saber, o racismo é do/a outro/a. Como práxis sabe-se que há racismo no Brasil, mas não se consegue mensurar nas ações individuais próprias as características de racismo. Admitir que a sociedade brasileira é racista tornou-se uma forma de politicamente correto.

Ao mesmo tempo em que velado, também, chama a atenção de que as pessoas, nos últimos tempos, principalmente com o avanço das tecnologias virtuais, têm se autorizado a, muitas vezes, dizerem o que pensam sem se preocupar com o “politicamente correto”. Isto fica evidente a partir da pesquisa realizada pelo Labic, como também, de certa forma, na pesquisa construída pela turma. Surpreendentemente 18 crianças se caracterizam como racistas.

É possível discutir até que ponto as crianças entendiam o que de fato significava o termo, mas, parece, relacionando com as conclusões do Labic, que a sociedade está se autorizando, em geral, talvez, em nome de uma “liberdade de expressão”, de se manifestarem pejorativamente em relação ao/a outro/a, o que se torna profundamente perigoso para o desenvolvimento social, pois a

história recente mostra as atrocidades cometidas quando as pessoas se autorizaram a dedicar ao/à outro/a seu ódio (p. ex. o holocausto).

Por fim, um último destaque diz respeito à maquiagem que se criou para não se falar especificamente nos termos que determinados preconceitos acontecem, a saber, a estimada caracterização de tudo como *bulling*, no que facilmente o racismo pode ser transformado. Racismo é crime e deve ser compreendido como tal. Isto porque, quando se abranda uma situação de preconceito não se entende toda a dimensão que um ato racista infere sobre a pessoa que o sofre.

Esta forma de abrandamento tende a qualificar as reações contra o racismo como exageros, inibindo vozes que se levantam contra estes atos, naturalizando e reforçando ações cotidianas de preconceitos e mantendo e definindo espaços socialmente desprivilegiados àqueles/as destinados/as a serem inferiores. Assim, a sala de aula deve ser um local para romper com estas linhas abissais, compreendendo-se como um local de mudança e de provocações que superem a discriminação através de uma construção coletiva de saberes e de uma aproximação ao rosto do/a outro/a.

Referências

CERQUEIRA, Daniel. *Boletim de Análise Político-Institucional: participação, democracia e racismo?* 17/10/2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_analise_politico/131017_bapi4_daniel_racismo.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.

CORREIO. *Jornalista causa polêmica com comentário sobre justiceiros: "Adote um bandido"*. 06/02/2014. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/jornalista-causa-polemica-com-comentario-sobre-justiceiros-adote-um-bandido/?cHash=5dd9f4c6fec1d8ed81088d8c794a69e4>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

CORREIO24HORAS. *Professor causa polêmica ao dizer que prefere ser atendido por médicos brancos a negros*. 05/11/2015. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/professor-causa-polemica-ao-dizer-que-prefere-ser-atendido-por-medicos-brancos-a-negros/?cHash=c06bb430dd8c3e686e7111ab6c9d7cab>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

DIX, Steffen. O que significa o estudo das religiões: uma ciência monolítica ou interdisciplinar. *Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, p. 01-28, 2007. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2007/wp2007_1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 315 p.

GRELLET, Fábio. *Juiz diz que umbanda e candomblé não são religiões*. 16/05/2014. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,juiz-diz-que-umbanda-e-candomble-nao-sao-religoes,1167765>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SILVA, Marcos Rodrigues da. Identidade e alteridade: diálogos para o Ensino Religioso. São Leopoldo, *Identidade*, v. 16, n. 02, p. 249-258, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/239/255>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

LABIC. *Rede de interações de páginas policiais no Facebook: a violência como hit*. 05/03/2014. Disponível em: <<http://www.labic.net/grafico/rede-de-interacoes-de-paginas-policiais-no-facebook/>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Coord. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997. 302 p.

LUCCA, Guss de. *Mesmo com denúncia de piada racista, "Proibidão do Stand Up" vai continuar*. 15/03/2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/mesmo-com-denuncia-de-piada-racista-proibidao-do-stand-up-vai-co/n1597695407469.html>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010.

MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman. Goiânia, *XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*, p. 01-06, 2009, p. 03-04. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_MELCHIOR_pos_moderna_bauman.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

OLIVEIRA, Denis. *O golpe contra a Dilma é racista*. 03/12/2015. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/quilombo/2015/12/03/o-golpe-contra-dilma-e-racista/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

OLIVEIRA JÚNIOR, Almir de; LIMA, Verônica Couto de Araújo. Segurança pública e racismo institucional. *IPEA: Boletim de Análise Político-Institucional*, Brasília, n. 4, p. 21-27, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/boletim_analise_politico/1301017_boletim_analisepolitico_04.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2017.

ORGANIZAÇÕES DO MOVIMENTO NEGRO E DE MULHERES. *Carta aberta contra o programa Zorra Total "Racismo não tem graça nenhuma!"*. 11/09/2012. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br/noticias/noticias-do-inesc/2012/setembro/carta-aberta-contra-o-programa-zorra-total-201cracismo-nao-tem-graca-nenhuma-201d>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel Rosas; ALMEIDA, Saulo Teles. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16801.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

PORTAL FÓRUM. *Resultado das eleições desperta preconceito contra nordestinos*. 06/10/2014. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/10/resultado-das-eleicoes-desperta-preconceito-contra-nordestinos/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

RIBEIRO, Djalma. *Seja racista e ganhe fama e empatia*. 19/09/2014. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/seja-racista-e-ganhe-fama-e-empatia-5564.html>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Novos Estudos*, n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

SDH (Secretaria de Direitos Humanos). *Guia Municipal de Prevenção da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens*. Rio de Janeiro: Observatório das favelas, 2012. Disponível em: <http://www.mdgfund.org/sites/default/files/GuiaPRVL_RevisaoFINAL_04MAI.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2017.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. *Revista de Estudos da Religião*, n. 02, p. 01-14, 2004, p. 04. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

TORRES, Ana Carolina. *Boneca chamada 'Neguinha do Espanador' é exposta e causa polêmica em redes sociais*. 27/01/2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/brasil/boneca-chamada-neguinha-do-espanador-exposta-causa-polemica-em-redes-sociais-15159720.html#ixzz3Q0qGSpr>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2014 – os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO, 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2017.

YAHOO. *Professora vira alvo de polêmica após foto no Facebook*. 10/02/2014. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/professora-vira-alvo-de-pol%C3%AAmica-ap%C3%B3s-foto-no-facebook-173303113.html>>. Acesso em 15 jan. 2017.